

SUICÍDIO

*Fatores inconscientes e aspectos
socioculturais: uma introdução*

R. M. S. Cassorla

Patrícia Nunes
Psicoterapia - Psicanálise
CRP 061628/6

Blucher

que muitas pessoas que pensam em se suicidar, talvez como você, estão descrentes e não conseguem ver nenhuma saída; mas essas saídas existem e serão encontradas, desde que você se deixe ser ajudado.

E se você que está me lendo nunca teve qualquer tipo de pensamento ou experiência relacionada ao suicídio, espero que eu possa ajudá-lo a compreender algo sobre os mecanismos mentais comuns a todos os seres humanos e o modo como eles interagem com fatores ambientais. A mente do suicida é como a mente de qualquer pessoa, com a pequena diferença de que alguns mecanismos se tornaram mais intensos ou passaram a interagir entre si de tal forma que causam um sofrimento que pode ser sentido como insuportável.

O estudo do suicídio é complexo porque envolve diversas perspectivas. Podemos estudá-lo dos pontos de vista filosófico, sociológico, antropológico, moral, religioso, biológico, bioquímico, histórico, econômico, estatístico, legal, psicológico, psicanalítico etc., sendo que todas essas visões se interpenetram. Neste livro, serão levados em consideração aspectos inconscientes, estudados pela psicanálise, em sua interação com o sociocultural, de modo que sejam compreensíveis para o não especialista.

A pessoa que pensa em suicídio ou tenta se matar está, evidentemente, sofrendo. Quando ela não encontra formas de diminuir ou compreender esse sofrimento, que se torna insuportável, o suicídio parece ser a única saída. No entanto, o sofrimento se tornará suportável se a pessoa puder contar com a ajuda de outro ser humano, um profissional especializado em sofrimento, que utilizará seu conhecimento para compreender esse mal-estar e ajudar a transformá-lo. Não raro, essa transformação permite que a pessoa reveja sua vida e descubra novas formas de torná-la criativa. Por isso, entendemos que as ideias suicidas e as tentativas de morte são, sempre, formas de pedir ajuda.

Tipos de suicídio

O termo “suicídio” significa “morte de si mesmo”. Essa definição parece suficiente num primeiro momento, mas, quando refletimos sobre os fatores envolvidos nos comportamentos suicidas e sobre as formas como eles podem se manifestar, percebemos que se trata de uma conceituação muito ampla, podendo incluir atos e comportamentos que normalmente não são associados a suicídios, mas que, de alguma maneira, se relacionam com eles. Vamos a alguns exemplos:

- 1) Imaginemos um fumante inveterado, já com problemas pulmonares e cardíacos consequentes do fumo, que sabe que, se não parar de fumar, morrerá em pouco tempo, mas não o faz ou não consegue fazê-lo. É evidente que está contribuindo para sua própria morte. O mesmo vale para o alcoólatra, para o viciado em drogas e ainda para quem insiste em ingerir alimentos que lhe farão mal.

- 2) Há pessoas que gostam de viver perigosamente. Na maioria das vezes, não estão conscientes dos riscos que correm ou, se estão, acreditam ser imunes a eles. Tanto o policial quanto o criminoso, por exemplo, correm risco de morte e sabem que sua chance de morrer é maior que a da população geral. Outro bom exemplo é o indivíduo que pratica roleta-russa: ele não só acredita em sua invulnerabilidade "mágica", como também procura sua própria morte. Já os praticantes de roleta-paulista (dirigir velozmente atravessando cruzamentos sem considerar a possibilidade de colisões) procuram, além da própria morte, a morte de outros. A autoagressividade e a heteroagressividade ocorrem em todos os suicídios, como veremos adiante. Não é raro nos defrontarmos com pessoas que se expõem desnecessariamente a situações de risco, como os pilotos de corrida.
- 3) O soldado voluntário que se oferece para uma missão em que as chances de sobrevivência são pequenas, os indivíduos que se sacrificam em protestos políticos e, ainda, a pessoa que faz greve de fome por um ideal constituem outro grupo de indivíduos que correm risco de vida, aqui de uma forma geralmente altruísta.
- 4) Muitas vezes, pessoas comuns se acidentam com facilidade em determinadas fases de suas vidas. Caem, são atropeladas, envolvem-se em batidas de carro, machucam-se no trabalho etc. Uma análise mais profunda demonstra uma exacerbação inconsciente de aspectos autodestrutivos. É interessante notar que, em muitas sociedades, as taxas de morte por suicídio acompanham as taxas de acidentes em suas oscilações. Isso ocorre não só porque muitos suicídios conscientes passam por acidentes, mas também porque as motivações inconscientes tendem a ser comuns nos dois grupos.

- 5) Há pessoas que levam a vida de modo tal que, por problemas emocionais ou psicossociais, sobrecarregam-se física e/ou mentalmente e vivem em tensão. As pessoas próximas, às vezes, percebem e alertam: "você está se matando, precisa mudar de vida". É a percepção inconsciente que os outros têm dos componentes suicidas. Esses componentes podem se manifestar, por exemplo, por meio de doenças. Sabe-se que em todas as doenças existem fatores emocionais, além de causas externas. Como veremos adiante, a doença resulta da interação entre a força de vida e uma força correlata que impele para a morte. Isso é mais evidente nas chamadas doenças psicossomáticas, como a hipertensão arterial e o infarto do miocárdio. Em qualquer doença, o componente emocional pode contribuir para seu desencadeamento e influenciar o prognóstico e os tratamentos. A anorexia nervosa, uma doença em que o indivíduo pode chegar a morrer porque se recusa a comer, é um exemplo extremo da influência de fatores autodestrutivos. Evidentemente, ninguém deve deixar de procurar um médico por acreditar que sua doença seja apenas "psicológica". Não procurar assistência médica também é um comportamento autodestrutivo.

Portanto, as pessoas podem se matar ou procurar a morte de forma consciente ou inconsciente. Todos os seres humanos possuem impulsos nomeados pulsões de vida e pulsões de morte. As primeiras levam a crescimento, desenvolvimento, reprodução, ampliação da capacidade de pensar, sentir e viver. Já as pulsões de morte lutam pelo retorno a um estado de inércia, atacando a capacidade da pessoa de lidar com as adversidades e de viver e desvitalizando as suas relações consigo mesma e com o mundo. Do ponto de vista individual, as pulsões de morte sempre vencem,

pois todos os seres vivos morrem. Do ponto de vista coletivo, a vida continua, por meio de nossos descendentes.

A vida, nas suas várias fases de desenvolvimento e involução, até a morte, é o resultado da interação entre essas duas pulsões. Mesmo as pulsões de morte auxiliam a vida, pois delas derivam forças que se manifestam por meio de uma agressividade que, quando adequada (influenciada pelas pulsões de vida), volta-se para aspectos do mundo externo, permitindo que a pessoa se defenda da hostilidade do meio em que vive. Além disso, contribui para a conquista dos recursos necessários para sua sobrevivência, como alimento e sexo. É como se a pulsão de morte defendesse a pessoa da morte por causas externas, obrigando-a a morrer de causas naturais, no tempo certo. No entanto, se fatores individuais ou psicossociais aumentarem a força das pulsões de morte, mecanismos autodestrutivos, que poderão acelerar a morte, passam a se manifestar. A morte deixa de ser natural para ser precedida por doenças, acidentes ou atos de autoextermínio, conscientes ou inconscientes.

Além de consciente ou inconsciente, o suicídio pode ser considerado total ou parcial. No suicídio parcial, o indivíduo mata uma parte de si mesmo. Pode ser consciente – por exemplo, por meio de automutilações – ou, o que é mais comum, inconsciente, manifestando-se na forma de doenças e do não funcionamento ou mau funcionamento de órgãos, por exemplo. A frigidez e a impotência sexual são exemplos claros de uma espécie de morte de parte do indivíduo. Mas o que se mata é sempre a satisfação, a criatividade e a vida que provêm desses órgãos.

O suicídio parcial também pode se manifestar por meio do prejuízo de funções mentais (sem fatores orgânicos identificáveis), de modo que a pessoa se torna incapaz de aproveitar suas poten-

cialidades emocionais de amar, de trabalhar, de ser criativa. Quase sempre o indivíduo não tem consciência de que suas potencialidades podem ser maiores do que ele se permite usar, de que parte delas está bloqueada, “suicidada”, por conflitos emocionais.

A interação entre fatores internos e externos está sempre presente. Um ser humano pode não ter forças para enfrentar desafios e pressões externas, ou porque são muito intensas, ou porque suas forças internas estão prejudicadas, ou pela soma de ambos os fatores. É evidente que se corre maior risco de acidente numa estrada mal sinalizada, ou de tuberculose em caso de desnutrição, ou de assalto numa rua escura e perigosa: aqui, a força de fatores externos é clara. Mas motivações internas poderão levar muitas pessoas a redobrar os cuidados na estrada ao perceberem que está mal sinalizada, alguns desnutridos a resistir ao bacilo da tuberculose e outras pessoas a descobrir como se proteger melhor de um assalto em potencial. Já outros indivíduos, com menor intensidade de pulsão de vida, ou mais aspectos ligados à pulsão de morte, poderão acidentarem-se em ótimas estradas, ficar tuberculosos mesmo se bem nutridos ou ser assaltados porque deixaram, por engano (isto é, inconscientemente), a porta de casa escancarada, “convidando” qualquer assaltante a entrar. Enfim, forças internas podem diminuir ou aumentar a força de riscos externos. Ao longo do livro, no relato de alguns casos, o leitor encontrará exemplos ilustrativos disso.